



Pior que o soneto?

Putin apresenta sua proposta de reforma política (13/9/2004)/Reuters

Uma proposta de reforma política que tende a centralizar ainda mais o poder russo, pode, ao contrário do que pretende Putin, tornar o ambiente ainda mais propício à disseminação do terrorismo no país

Armando Sartori

A proposta do presidente russo, Vladimir Putin não agradou a quase ninguém. Ele anunciou num encontro realizado em Moscou em meados de setembro, na presença de seus principais assessores e de dirigentes regionais, uma mudança na forma de escolha dos governadores de regiões administrativas e das repúblicas que compõem a Federação Russa. E também a alteração do sistema de eleição para a Duma (a Câmara Baixa do Parlamento). Tudo em nome do combate ao terrorismo.

O anúncio da reforma – que depende de aprovação parlamentar – foi feito dez dias após a tragédia de Beslan, a cidade na Ossétia do Norte onde pouco mais de 30 homens e mulheres armados fizeram pelo menos 1.200 reféns no início de setembro. Após 2 dias de cerco à Escola Número 1, onde estavam as centenas de seqüestrados, uma confusa operação de resgate terminou com quase 400 mortos, mais de 150 dos quais crianças. Segundo autoridades russas, a maioria morreu no ginásio da escola, onde estavam presos, com a queda do teto, no qual os terroristas haviam posto cargas explosivas, e em meio ao fogo cru-

zado entre os seqüestradores e as forças de segurança.

Uma coisa é clara na proposta de Putin: ela significa uma centralização maior do poder. O que não está claro é que grau de eficácia terá na luta contra o terrorismo, cujo foco principal são rebeldes tchetchenos. Há até quem ache que podem ter efeito exatamente oposto.

Poder reduzido De acordo com o anunciado pelo presidente russo, os 89 dirigentes regionais, hoje eleitos diretamente, passarão a ser escolhidos por Moscou e a ter seus nomes ratificados pelos legislativos locais. Já no caso da eleição para a Duma, a mudança refere-se a metade de suas 450 cadeiras. Atualmente, 225 das vagas são preenchidas por candidatos eleitos pelo sistema eleitoral proporcional, apresentados em listas partidárias. Só os partidos que obtêm pelo menos 5% dos votos em todo o país, no entanto, podem ter representantes eleitos por esse método. A outra metade é eleita pelo sistema distrital e os candidatos podem ser independentes, isto é, não filiados a partidos – não há, portanto, a linha de corte dos 5%. Putin

quer que todos os 450 deputados sejam definidos pelo sistema proporcional, por meio de listas partidárias.

A proposta, no entanto, pode tornar o ambiente ainda mais propício ao florescimento do terrorismo. Ao escolher os dirigentes regionais, Putin estará reduzindo o poder de lideranças locais, que expressam as minorias étnicas e religiosas que pululam nas fronteiras russas. E ao mudar o sistema eleitoral pode, segundo analistas, reforçar a tendência atual, pela qual apenas quatro partidos estão representados na Duma, dos quais três (Rússia Unida, Liberal Democrata e Mãe Rússia) rezam pela cartilha do Kremlin, e um – o Comunista – é de oposição. Assim, candidatos independentes locais teriam menores chances de eleger-se.

O sentido dessas mudanças, de redução da representação local, não é algo inédito, no entanto: em 2000, Putin já havia removido os governadores do Conselho da Federação (a Câmara Alta do Parlamento), apontado supervisores para vigiá-los e centralizado as nomeações de chefes de polícia e de promotores regi-

onais. Agora, é como se o Kremlin estivesse reforçando o recado que enviou há quatro anos às lideranças regionais: “não confiamos em vocês”.

De alguma forma, a atitude de Putin lembra o comportamento de seu colega americano, George W. Bush, logo após o 11 de Setembro, quando o presidente dos EUA lançou o Ato Patriótico, que, sob a justificativa de combater o terrorismo, restringiu as liberdades, permitindo prisões arbitrárias e a manutenção de pessoas detidas por longo tempo sem julgamento. Nesse sentido, pode-se dizer também que Bush serviu de modelo para outra ação dos russos: o chefe do Estado-Maior, general Yuri Baluyevsky, anunciou dias depois do trágico desfecho de Beslan que, para prevenir ataques terroristas, “certamente” seu governo irá agir “para eliminar bases terroristas em qualquer região do mundo”. A ressalva que ele fez foi de que “isso não significa que usaremos armas nucleares”.

Os russos se queixam do que chamam de “duplo padrão” na forma como as potências ocidentais encaram o terrorismo. Os ocidentais, dizem eles, agem de uma certa maneira para combater o terrorismo e criticam os russos quando eles fazem a mesma coisa. A mágoa ficou evidente, por exemplo, na entrevista coletiva concedida em Moscou por Putin dias após a tragédia. Em resposta às perguntas dos jornalistas sobre as negociações com os sequestradores de Beslan, Putin foi enfático. “Por que vocês não se reúnem com Osama bin-Laden? Por que não o convidam a Bruxelas ou à Casa Branca para começar negociações, perguntar a ele o que deseja e dar isso a ele, para que nos deixe tranquilos?”. “Por que deveríamos conversar com pessoas que matam crianças?”. Fazem parte das lamúrias russas o fato de que os EUA, por exemplo, reúnem-se com separatistas tchetchenos – Putin disse que seu governo várias vezes queixou-se dos encontros entre autoridades

americanas e os rebeldes, mas sem efeito. O governo russo não gosta também do asilo político concedido pelos governos americano e britânico a porta-vozes do líder rebelde tchetcheno Aslan Maskhadov, considerado moderado pelos ocidentais.

Grande autonomia Maskhadov, um ex-coronel do Exército Vermelho, comandou os rebeldes tchetchenos entre 1994 e 1996, quando as forças russas invadiram na Tchetchênia, após o líder local, Djokar Dudaiev, ter declarado a independência da república. Depois de um acordo em 1996, em que a Tchetchênia obteve grande autonomia, Maskhadov venceu a eleição presidencial local com 67% dos votos. E convocou um dos candidatos derrotados, o comandante guerrilheiro Shamil Bassayev para ocupar uma vice-presidência.

Bassayev é acusado pelos russos de ter participado em 1999 da incursão de um comando ao vizinho Daquestão, para ali estabelecer um Estado islâmico. Logo depois, em se-

Quem são e porquê lutam os terroristas

O episódio de Beslan traz, entre outras indagações, a de que tipo de gente são os terroristas. Muito frequentemente, se diz que são fanáticos, políticos ou religiosos. Mas essa não é uma explicação suficiente.

Em agosto o jornal francês *Le Monde* divulgou resultados de uma pesquisa feita pelo professor Marc Sageman, da Universidade da Pensilvânia (EUA), sobre o perfil dos terroristas, mais especificamente, dos membros da rede Al Qaeda. De acordo com Sageman, o terrorista típico é como muitas pessoas com quem ele mesmo convive.

Sageman trabalhou com o perfil de 382 supostos ou declarados terroristas que têm vínculos diretos ou indiretos com a rede. Entre outros aspectos destacam-se no estudo que mais de 90% dos analisados não tiveram educação religiosa; 17,6% deles saíram de classes sociais altas e 54,9% das classes médias; quase 60% têm no mínimo um diploma de ensino secundário; 42% têm trabalhos interessantes, enquanto 33% fazem trabalho semiquilificado. A média de idade dos analisados é de 25,7 anos; e em mais de 70% dos casos, eles são casados, com filhos (a maioria desses não tem antecedentes criminais).

O estudo de Sageman lança uma luz sobre quem pratica o terror. Algo ainda mais importante a entender são as causas do terrorismo. Novamente, há uma tentação para reduzir a questão ao fanatismo, embora se fale também em puro sadismo. É provável que esses sejam componentes da motivação. Mas não se pode deixar de lado a falta de perspectivas políticas e o sentimento de desespero que atinge indivíduos e grupos.

Ruslan Aushev, ex-governador da Ossétia do Norte, é um dos que parece entender essa questão. Veterano da Guerra do Afeganistão, notabilizou-se pelas críticas à política do governo russo na Tchetchênia: diversas vezes apelou para que o Kremlin

negociasse com Maskhadov. “Hoje, não há uma pessoa na Tchetchênia que não tenha sofrido nesses anos”, diz.

Uma amostra desse sofrimento e de suas conseqüências pode ser vista na atuação das jovens tchetchenas que se tornam *smernitsi* — mulheres-bomba. O jornal *The Guardian* publicou a história de uma dessas mulheres, que se suspeita tenha explodido um dos dois aviões Tupolev que partiram de Moscou em 24 de agosto passado e caíram pouco depois, quase simultaneamente, matando 89 passageiros e tripulantes. Um dos aviões voava para Sochi, no Mar Negro. O outro, para Volgogrado.

A história começa com o relato dos assassinatos de dois jovens, Zaur Dagayev e Uvais Nagayev, presos e assassinados por soldados russos no final de abril de 2001. A tragédia seria apenas mais uma. Mas as autoridades russas agora desconfiam do passageiro 29 do voo 1303, que ia para Volgogrado. Entre seus restos foi encontrado um passaporte em nome de Amant Nagayeva, de Kirov-Yurt. Embora ainda sejam necessários exames de DNA para a confirmação da identidade, pode tratar-se da irmã de Uvais — ela seria uma das duas tchetchenas que os investigadores suspeitam tenham explodido os aviões. A outra seria uma das companheiras com quem vivia, Satsita Dzierbikhanova, a mulher-bomba que estaria no avião que ia para Sochi.

Como dizem os autores do livro *Tchetchênia: Calamidade no Cáucaso*, Carlotta Gall e Thomas de Wall, referindo-se às guerras travadas na região, os russos “subestimaram constantemente as pessoas contra as quais estavam lutando”. E ao fazê-lo, “escolheram uma política de ataque total, sem deixar para os nativos nenhuma opção a não ser resistir o mais desesperadamente possível”. Como, provavelmente, fizeram Nagayeva e Dzierbikhanova. ■

tembro, ocorreram explosões em edifícios residenciais em Moscou e outras cidades, com centenas de mortos. O incidente foi atribuído pelo governo russo a um ato terrorista praticado por rebeldes tchetchenos. Mas ainda hoje restam sérias dúvidas a respeito da responsabilidade dessas explosões. Em artigo publicado no final de setembro no jornal britânico *The Independent*, Johann Hari diz que na capital russa, onde ocorreram duas explosões, foi descoberta uma terceira bomba, intacta, idêntica às duas primeiras, colocada num prédio nas proximidades dos que explodiram. Segundo ele, os responsáveis por essa terceira bomba foram capturados pelas forças de segurança – “e, mais tarde, soltos pela polícia quando esta descobriu que eles eram agentes do serviço secreto russo”.

Putin no poder Esse episódio disparou a segunda guerra contra a Tchetchênia, que é fator-chave na carreira política de Putin. Ele havia sido nomeado pouco antes primeiro-ministro pelo presidente Bóris Ieltsin, que o tinha selecionado no alto escalão dos serviços de segurança do país. Com o início da nova guerra, Maskhadov passou à resistência na clandestinidade. No final de 1999, Ieltsin renunciou e um dispositivo constitucional tornou o então primeiro-ministro presidente interino. No primeiro semestre de



Bassayev e Maskhadov: o rebelde terrorista, que pode ser um dos responsáveis pela tragédia de Beslan, já foi aliado do ex-presidente, que pode ser uma saída política para a Tchetchênia

2000, Putin venceu a eleição presidencial com 53% dos votos. Ele fez do tratamento duro aos rebeldes tchetchenos uma de suas principais promessas de campanha. E sob seu comando, o governo russo lançou cerca de 100 mil soldados contra os rebeldes. Seu objetivo declarado era derrotar 2 mil combatentes, que chamava de terroristas. O resultado foi um grande morticínio entre a população civil: alguns dizem que a população tchetchena foi reduzida em 20% ou 25%.

Como conter o terrorismo? Existe algo além da proposta de Putin? Se se tem em conta que o grande problema é a Tchetchênia, é o caso de prestar atenção no que diz o filósofo francês

André Glucksman, Maskhadov defende uma plano: “cessar-fogo, desarmamento das milícias independentes, retirada das forças russas, uma força de observação internacional e o abandono provisório da reivindicação de independência por parte dos tchetchenos”. Pode ser de fato, uma alternativa. E parece melhor do que as medidas anunciadas por Putin que, como lembra a historiadora Irina Scherbakova, da Universidade de Moscou, nada têm a ver com uma solução para a crise da Tchetchênia. “A guerra só pode ser resolvida por uma série de medidas políticas e econômicas. É preciso a mobilização de forças diferentes na Tchetchênia para o início de um diálogo. Mas com as ações de ‘limpeza’ [prisão e assassinato de separatistas] só se consegue o contrário, mais terrorismo”.

Mais terrorismo Há dois anos, diz Glucksman, Maskhadov defende uma plano: “cessar-fogo, desarmamento das milícias independentes, retirada das forças russas, uma força de observação internacional e o abandono provisório da reivindicação de independência por parte dos tchetchenos”.

Pode ser de fato, uma alternativa. E parece melhor do que as medidas anunciadas por Putin que, como lembra a historiadora Irina Scherbakova, da Universidade de Moscou, nada têm a ver com uma solução para a crise da Tchetchênia. “A guerra só pode ser resolvida por uma série de medidas políticas e econômicas. É preciso a mobilização de forças diferentes na Tchetchênia para o início de um diálogo. Mas com as ações de ‘limpeza’ [prisão e assassinato de separatistas] só se consegue o contrário, mais terrorismo”.

